

LICHTUVA

P. PONTES

É tarde,

ensombrecida pela ausência do sol.

Pior ainda:

chove,

surda,

abafando os pensamentos.

A chuva cai, sem desculpas, molhando anseios e angústias.

Unificando a dor.

Com ela caem os propósitos,

a vontade de se aproximar a alguém,

o desejo de comunicação, co-participação

de uma alegria;

ou mesmo de uma tristeza

que também cai com a chuva.

Anoitece:

na chuva, a luz imprecisa

forma formas bestas,

grotescas, frescas...

lavando o suor do homem,

limpando o vício.

Daí a pouco renascerá um asfalto preto,

brilhante, por um instante puro.

Alerta:

da chuva sairão os mesmos homens,

os mesmos atos,

o mesmo lixo.

(são os desgraçados que acordam).

Da noite emergirão suspeitas,
nas sombras, complexos:
no ar, agourentas aves de rapina
grasnam, gritam, chamam...
A noite encontra a ausência de amor,
gente se entreolhando com desejo,
com medo.
O lixo da cidade que dorme, lavada pela chuva,
está acordado, à espreita...

Janeiro de 1966.